

A última carta de Louis Agassiz ao Imperador Pedro II

O testemunho de uma angústia

Gastão Galvão de Carvalho Souza / MAST- Rio de Janeiro

O GRANDE OBJETIVO DE AGASSIZ

Louis Jean Rodolphe Agassiz foi um dos mais importantes ictiólogos do século XIX. Possuiu uma trajetória rápida e brilhante e teve como mestres e amigos figuras emblemáticas do naturalismo. como Humboldt, Von Martius e Cuvier.

Apesar de formado em medicina a sua grande paixão sempre foi o naturalismo embora os clamores familiares não aprovassem tal predileção nada o demoveu de seguir esta carreira Em 1836 inicia um estudo das geleiras viajando pelos montes do Jura e pelos Alpes. o que resulta na sua aclamada obra “*Estudo sobre as geleiras*” publicada em 1840 Este trabalho foi aclamado por todos os geólogos da época como de seminal importância para solucionar diversos problemas originados pela descoberta de grandes pedaços de rochas encontradas , muitas vezes em total isolamento, principalmente em diversas regiões dos Alpes.

A teoria de Agassiz os explicava como oriundos da dilatação de imensas geleiras do passado que neste processo os tinha empurrado de suas posições originais. Estava assim descoberta a teoria das grandes glaciações que tem sua validade até hoje considerada.

Em 1846 Agassiz embarca para Boston, onde pretendia dar um ciclo de conferências, recebendo após o brilhantismo das mesmas (Agassiz sempre foi considerado um grande e empolgante conferencista) um cargo na Universidade de Harvard. Agassiz aceita o convite talvez pretendendo a reconstrução de sua vida que se encontrava bastante tumultuada na Europa.

Tinha proposto a sua esposa mudança para Boston porém Cecília Braun alegara encontrar-se enferma e portanto inapta para uma imediata mudança da cidade de Carlsruhe na Alemanha onde se encontrava. Em 1848 Agassiz se torna viúvo e sua decisão em permanecer nos Estados Unidos se torna livre de empecilhos.

Em 1849 seu filho Alexander chega a Boston e Agassiz definitivamente resolve lá permanecer. Após diversos trabalhos e pesquisas sobre a geologia americana que não cabe aqui descrever, inaugura o Museu de Zoologia Comparada da Universidade de Harvard em 1860. Este se tornará a partir de então um dos maiores centros de estudo da história natural nos Estados Unidos.

Em 1859, Agassiz recebe de Charles Darwin um exemplar do seu livro a ser editado “A origem das espécies” Neste Darwin elabora a sua tese da mutabilidade das espécies e do mecanismo pelo qual tal fenômeno se opera, a seleção natural.

Agassiz era um fiel discípulo de Georges Cuvier que tinha sido um ardente adversário da tese da mutabilidade das espécies. Advogara o sábio francês um criacionismo catastrofista da natureza que, segundo ele, explicava perfeitamente a seqüência encontrada no registro fóssil.

Para Cuvier os dados obtidos pelos registros fósseis aliados as verificações dos naturalistas a respeito das estruturas dos seres vivos da época, apontavam de maneira incontestada a uma descontinuidade de caráter irredutível do fenômeno da vida. Não haveria portanto nenhuma relação entre os fósseis encontrados e os seres vivos do presente. Cada estrato geológico apresentava a sua própria fauna e flora característica.

Para Cuvier como também para Agassiz os seres vivos historicamente atestavam um ciclo de criações e extinções propugnadas pelo criador cujo principal objetivo era o da anunciação da criação de sua obra magna que se avizinhava: o homem.

Havia, portanto para os dois pensadores uma relação íntima entre os dados obtidos empiricamente e o progresso inexorável da vida rumo ao seu pináculo. Temos de novo a famosa “Escada do ser”, de promulgação Aristotélica, agora em movimento.

Não foi de se estranhar, portanto a posição tomada por Agassiz em relação às teorias darwinianas da evolução.

Em primeiro lugar Darwin afirmava uma relação de continuidade entre as espécies do passado e as atuais, colocando, portanto as espécies como entidades temporalizadas.

Em segundo lugar, e talvez aí habite a principal discordância de Agassiz, o mecanismo proposto por Darwin, a seleção natural, colocava um caráter intrinsecamente aleatório ao

aparecimento das espécies no planeta, o que vinha frontalmente contra as suas teses de indiscutível progresso, que estavam bem de acordo com o pensamento da época.

Darwin já tinha previsto tal tipo de reação de Agassiz e quando mandou para o mesmo o exemplar do seu livro assim se manifestou:

“Eu me aventurei a mandar pra você uma cópia do meu Livro (embora apenas até agora um resumo) sobre a origem das espécies Como as conclusões as quais eu cheguei em diversos pontos diferem amplamente das suas , eu pensei (se você alguma vez ler o volume) que você possa pensar que eu o tenha enviado por alguma espécie de bravata,mas lhe asseguro que eu agi sob uma forma totalmente diferente de pensamento. Eu espero que você ao menos me dê o crédito, apesar de quão errônea você possa achar a conclusão, de ter seriamente me esforçado para encontrar a verdade Com sincero respeito...”¹

O naturalista inglês já vislumbrava ter em Agassiz um ferrenho adversário de suas teses a respeito do mundo natural. Embora Agassiz estivesse ao par com as evidências que Darwin alegava para sua tese, a lógica Darwiniana era para ele desconhecida e cheia de incoerências. A visão de mundo que Agassiz defendia era totalmente conflitante com a visão de Darwin. Agassiz sentiu a obrigação de dar uma resposta as teses de Darwin, pois toda a comunidade de naturalistas de sua nova pátria assim o exigia.

Era, entretanto um fato que já nesta época alguns naturalistas americanos como Asa Gray achavam que algumas respostas cuverianas aos enigmas propostos pelo chamado “mistério dos mistérios”, a origem das espécies, estavam longe de serem satisfatórias.

Começaram a ver em Agassiz um naturalista defasado das grandes questões da época. O naturalista que tinha sido adotado em 1846 de maneira gloriosa pela jovem nação via agora a ameaça de ter todo aquele prestígio contestado por muitos de seus antigos alunos. A resposta de Agassiz veio rápida e não foi surpreendente para todos que o conheciam. O estudo feito sobre sua marginalia na obra de Darwin possui algumas asserções bastante significativas:

“Isto é verdadeiramente monstruoso”

“Qual é a grande diferença entre a suposição que Deus tenha feito as espécies variáveis ou que ele tenha feito leis pelas quais as espécies variem”

“O que tudo isto prova exceto que existe uma unidade ideal mantendo todas as partes de um plano juntos?”²

Agassiz ainda achava que os argumentos utilizados na época do aparecimento da obra “Os vestígios da criação” de Chambers, eram válidos. Não tinha ainda aquilatado que Darwin tinha sido bastante cuidadoso ao editar seu trabalho que se encontrava repleto de argumentos empíricos de grande validade.

O auxílio que esperava encontrar em seus pares não foi o que ele achou. O apoio que recebera de cientistas famosos como Asa Gray e Thomas Henry Huxley, agora lhe faltava. Definitivamente Darwin não era Chambers e tinha se precavido muito bem. Agassiz sabia agora que apenas buscando dados no mundo natural que confrontassem a teoria rival, poderia almejar uma vitória sobre Darwin análoga a que obtivera sobre Chambers.

Seria verdadeiramente excepcional que a região que tinha fornecido as bases empíricas para a hipótese darwiniana fornecesse agora a contraprova. Além do mais ele recordava que uma das primeiras vitórias de sua gloriosa carreira se dera graças a análise dos peixes brasileiros. Seu estudo da fauna ictiológica da expedição de Von Martius fora de fundamental importância em sua nascente carreira científica. Sim, em terras brasileiras estaria a resposta ao desafio darwiniano. Agassiz lá encontraria os dados insofismáveis que colocassem fora de questão a loucura darwiniana.

Podemos dizer que existiram dois grandes momentos na vida de Agassiz no qual o Brasil representou um papel crucial. O primeiro foi em Munique quando escreveu a sua primeira grande obra que foi a revisão dos dados obtidos por Spix, que tinha falecido recentemente deixando os mesmos para serem completados. O segundo foi quando organizou a expedição Thayer no Brasil em 1865-1866 cujo grande objetivo era a coleta de dados que provassem a falácia da doutrina darwinista da evolução.

A CORRESPONDÊNCIA DE AGASSIZ: O TESTEMUNHO DE UMA ANGÚSTIA

Durante dez anos Agassiz manteve uma correspondência com D. Pedro II e a análise da mesma nos mostra a luta titânica que o naturalista manteve até o final de seus dias pra derrotar o que ele achava se tratar de uma absoluta loucura orquestrada por um naturalista que a seu ver

confundia sua ideologia com os fatos tão amplamente demonstrados pela natureza.

Por mais paradoxal que seja, é este o pensamento que seus adversários lhe querem imputar, postulando que a visão de Agassiz sobre os fenômenos naturais estava eivada de uma ideologia platônico-religiosa a qual ele absolutamente queria abandonar, ideologia essa que foi levando o sábio a um ostracismo quase completo por parte de seus pares no final de seus dias. A análise comparativa de suas primeiras missivas ao imperador com a última torna-se emblemática para tal visão.

A primeira carta de Agassiz ao Imperador esta datada de 23 de julho de 1863 e nela entre outras frases podemos destacar as seguintes:

“Vossa majestade possui um interesse tão claro a tudo que concerne as letras e as ciências que poderá me perdoar se eu o entretenho por um momento com um fenômeno extraordinário que observei sobre uma espécie de peixe que Mr. Fletcher me reportou do Brasil.”³

Agassiz inicia assim com o imperador uma correspondência cujo motivo principal se trata de obter do imperador seu apoio na expedição onde o naturalista tem por principal objetivo a coleta de dados que descartará para sempre a hipótese darwiniana. Em sua segunda carta datada de 2 de maio de 1864 assim se expressa o naturalista a respeito da obtenção de dados em terras brasileiras.

“Para mim nestas coleções não é nem a beleza exterior nem o valor dos objetos que me interessam, mas, sobretudo a importância que podem possuir para a solução das questões filosóficas que se discutem neste momento. Ou de todas estas questões, não nenhuma que ofereça um interesse mais poderoso e mais imediato que o da origem das espécies.”⁴

Em sua terceira carta a Pedro II Agassiz assim se expressa sobre o verdadeiro combate que em sua opinião se dará em terras brasileiras:

“E, pois a grande questão da origem das espécies parece que deve se debater sobre o terreno do Brasil mais do que em qualquer outro lugar. Duas obras apareceram recentemente sobre este assunto donde os materiais foram retirados do Brasil e eu desejo, portanto explorar estas mesmas regiões já que a minha visão sobre este assunto é diametralmente oposta aquela dos autores aos quais eu faço alusão”⁵.

Estas obras referidas por Agassiz são as de Henry Walter Bates e Alfred Russel Wallace

que estiveram no Amazonas pesquisando a respeito do fenômeno da especiação. Os referidos naturalistas tiraram conclusões análogas a respeito do relacionamento da origem de novas espécies a partir do isolamento reprodutivo. Nichos diversos no ecossistema amazônico impediam o contato com membros da mesma espécie de organismos que a partir de certo tempo de isolamento tornariam possível o aparecimento de novas espécies a partir de uma só. Tal fenômeno tinha sido observado por Darwin indiretamente no arquipélago das Galápagos, já que só tinha aquilatado para o mesmo quando o ictiólogo John Gould tinha chamado sua atenção para o fato ao analisar os exemplares por ele enviados para a Inglaterra.

Agassiz duvidava de tal evento e queria provar em terras brasileiras que ecossistemas constantes, como as águas do rio Amazonas, poderiam acomodar uma grande quantidade de espécies, provando com isto que não havia uma relação entre as variações ambientais e as taxas de especiação. Achava Agassiz que com estes dados colocaria a teoria da evolução nos moldes darwinianos totalmente fora de combate com um golpe definitivo.

Uma outra vertente da crítica que o naturalista queria produzir com dados obtidos no Brasil era o da generalização total da glaciação. Se ele pudesse provar que a última glaciação tivesse coberto todo o globo com gelo, teria evocado uma extinção generalizada das espécies então existentes fazendo com que apenas uma nova criação divina explicasse a não extinção total da vida no planeta.

A expedição Thayer se realizou e Louis Agassiz aqui esteve procurando intensamente as provas que levariam o darwinismo ao cadafalso. Os resultados da mesma foram pífios em relação aos dados coletados.

Embora tenha encontrado na bacia do rio Amazonas uma grande variação de peixes, a mesma foi considerada bastante exagerada pelos ictiólogos da época. Mesmo hoje quando os métodos de análise são mais sofisticados que o mero morfológico da época encontra-se uma variação ictiológica menor do que a encontrada pelo naturalista na sua viagem.

Quanto a imensa geleira que Agassiz diz ter prova da sua incontestável existência, tal fato foi motivo de imensa crítica pelos principais geólogos do século XIX. Charles Lyell, Alfred Russel Wallace e até o intrépido Guilherme Capanema criticaram os dados de Agassiz. O ictiólogo foi

atacado com os mesmos argumentos que queria usar contra a loucura evolucionista darwiniana, ou seja como sendo um cego pelo fixismo Cuvieriano considerado como completamente ultrapassado pelos grandes naturalistas da época.

Torna-se, portanto emblemática a análise da sua última carta a Pedro II, a de número 52, na qual Agassiz se despede de maneira melancólica daquele que tudo fez para tornar real o seu sonho de pesquisador.

“Esperemos que depois da fase de sórdida corrupção pela qual nos passamos seja terminada suceda uma era de nobres aspirações.”⁶

Mais adiante assim prossegue o sábio:

“É que a vida das nações não é senão que um reflexo da vida dos indivíduos :como no reino animal a ordem das sucessões dos seres organizados na série dos tempos recorda o desenvolvimento gradual do embrião. É a lei geral. Qual é o objetivo? Sem dúvida o progresso. Se fosse de outra maneira, não haveria senão o desespero no final e para mim eu tenho fé no amanhã.”⁷

Durante toda a sua vida Agassiz defendeu a teoria de que a embriogênese representava o modelo pelo qual o criador tinha deixado o homem vislumbrar o seu “modus operandi”.

É paradoxal que onde muitos embriologistas viam uma prova concreta do fato evolutivo, Agassiz via a mais forte prova do criacionismo fixista.

O seu desespero enunciado na última carta mostra como idéias defendidas por um longo tempo podem se tornar uma parte tão profundamente arraigada de uma personalidade e de todos os seus valores que, uma simples possibilidade de contestação da mesma ameaça toda a sobrevivência psíquica do indivíduo que a possui. Nas próprias palavras de Agassiz não haveria nada mais que o desespero se a verdade de sua crença fosse abalada.

É uma boa ocasião para a meditação nestes nossos tempos tão fundamentalista, já que mesmo um pesquisador que se dizia tão comprometido com o método empírico na elaboração de suas teorias não podia suportar a negação das mesmas pelo referido processo.

Um mundo sem objetivo era para Agassiz impossível de ser suportado. A sua própria subsistência psíquica dependia intrinsecamente que o mundo possuísse uma finalidade implícita de maneira transcendente.

- 1 The Darwin correspondence Online Database Calendar number 2519 11/Nov. /1859
- 2 Anuário do Museu Imperial Volume 13 pg. 44
- 3 Agassiz a life in science Edward Lurie 1988 University of Chicago Press pg 254-55
- 4 Anuário do Museu Imperial Volume 13 pg. 49
- 5 Anuário do Museu Imperial Volume 13 pg. 62
- 6 Anuário do Museu Imperial Volume 13 pg. 239
- 7 Anuário do Museu Imperial Volume 13 pg. 240